

MORRO AGUDO: COMEÇO DIFÍCIL (DO LIVRO DO TOMBO PAROQUIAL)

Antes de publicarmos o necrológio do nosso saudoso P. Aloisio Rucha, que durante 30 anos foi vigário zeloso da paróquia de S. Francisco de Assis, de Morro Agudo (Comendador Soares), oferecemos a nossa diocese as primeiras páginas do Livro do Tombo Paroquial. Como homenagem ao P. Aloisio. E como incentivo a que todas as paróquias tenham o seu Livro do Tombo (ou a Crônica Paroquial) e sempre o conservem atualizado (A. H.).

Laudetur Jesus Christus. *Dia 10. Agosto, 1952.* — Por ordem do Exmo. Sr. Bispo Dom José André Coimbra apresentei ao Rev. Mons. João Müsch, DD. Vigário de Nova Iguaçu, a carta na qual mandava dizer que desmembrasse Morro Agudo de Nova Iguaçu e entregasse esta parte ao Rev. Pe. Aloisio Rucha, com fins de fundar uma Nova Paróquia. O portador desta ficou decepcionado. Esperava ele ser introduzido na «Nova Paróquia» a ser fundada. Apenas uma carta de apresentação ao Sr. Thomaz Fonseca e nada mais. Lá se foi à procura deste lugar o portador das ordens do Exmo. Sr. Bispo. Pergunta aqui, pergunta ali, até que enfim achou a residência do Sr. Thomaz Fonseca que há longos anos junto de sua Esposa, Da. Delfina de Moraes, tomavam conta da capela de São Francisco de Assis. Convém acrescentar que, conforme me disseram, rezavam há anos, pedindo a Deus que mandasse um sacerdote que viesse acudir as almas, entregues em grande parte ao Espiritismo e Protestantismo. Animado pela boa vontade desta boa gente, dei a palavra de tomar conta desta grei abandonada e comprometi-me de voltar, logo que fosse possível achar uma casa para morar. Ainda no mesmo dia, por indicação do Sr. Thomaz, encontramos a Sra. Da. Antônia

Nice de Almeida no ponto do ônibus. Imediatamente concordou de alugar para o futuro vigário uma das novas casas que o seu bondoso marido, o Sr. Antônio José de Almeida, estava construindo. O Sr. Almeida concordou de aprontar a mesma dentro de quinze dias.

Foi no dia *21 de Agosto de 1952*, às 13,30 horas, na companhia de meu irmão, cheguei com a minha bagagem em Morro Agudo. Meu irmão, ao revistar a capela, despida de tudo, até do mais necessário para o culto religioso, sacudiu os ombros e disse: «Meu mano, tu tens coragem de enfrentar tanta pobreza?». Sim, tenho, com a graça de Deus hei de vencer tudo. — E graças a Nosso Senhor tive fé em Deus e em Maria Santíssima. Comecei a estudar a situação, pensei nas possibilidades e futuras realizações.

Na pessoa do Sr. Thomaz J. da Fonseca encontrei um bom amigo e grande benfeitor da nova paróquia. No dia seguinte rumamos nós dois ao Rio, para comprarmos os seguintes objetos: Sacrário, uma âmbula, seis castiçais, turíbulo, naveta e um paramento. Nesta compra o Sr. Thomaz gastou aproximadamente 11 mil cruzeiros. Foi sem dúvida um bom começo.

A parte espiritual, de início, entristecia-me bastante. No primeiro Domingo, as duas missas ficaram quase vazias e apenas cinco pessoas comungaram neste dia. Aos poucos o movimento religioso foi melhorando. Como não existiam ainda bancos, abri a campanha dos bancos para a matriz. Dentro de dois meses adquiri vinte novos bancos. Aos poucos foi crescendo o entusiasmo entre o Povo, até que um dia uma nuvem negra veio trazer no seu bojo uma tempestade pavorosa. Surgiu a questão do terreno da Igreja (continua).

ENTREVISTA SOBRE A PARÓQUIA DO RIACHÃO

(Continuação da entrevista de D. Adriano a diversos jornalistas, 02-06-82)

06. O P. Valdir tem feito acusações graves contra o senhor e a diocese. Como o senhor se coloca em face dessas acusações?

— No que me toca, sei que devo absorver as acusações que são de fato muito graves. São injúrias, difamações, calúnias, inverdades, deturpação dos fatos. Tenho de assimilá-las como cristão que devo ser fiel ao mistério da Cruz de Jesus Cristo. Isto é uma atitude pessoal. Mas de outro lado, como sou bispo da Igreja e responsável pela comunidade diocesana e pela Igreja particular de Nova Iguaçu, é necessário responder pelo menos a algumas das acusações levantadas contra mim, contra o clero, contra a Pastoral da diocese, contra o episcopado, contra o Vaticano, contra a Igreja em geral. Com o correr do tempo, em fórmulas concretas, espero que se possa dar uma explicação ao Povo e aos interessados. Pessoas humildes do Riachão me disseram: «Dom Adriano, o senhor tem de explicar essas coisas, senão o Povo pensa que tudo é verdade; quem cala, consente». É possível que daí nasça uma verdadeira catequese sobre o que é a Igreja, o Papa, o bispo, o padre, o cristão na Igreja, o que é a diocese, a paróquia, o que são os ministérios etc. Já descobrimos, nós pa-

dres e catequistas, que o mistério da unidade da Igreja com o Papa e sob o Papa — sinal visível da unidade — tem de ser muito mais ensinado e mencionado do que tem acontecido.

07. O Povo do Riachão está com o P. Valdir?

— Adeptos fiéis são poucos. Há um grupo pequeno de fanáticos e talvez umas cento e tantas pessoas que aceitam o que o P. Valdir faz e diz como um evangelho. Há também aqueles que, embora lamentando as atitudes dele, não perderam a amizade tecida durante doze anos. Num bairro abandonado como foi o Riachão (e são quase todos os bairros da Baixada) é claro que o vigário vale sempre como propulsor de progresso. O grande prédio do seminário, que se vê muito bem da Presidente Dutra, é um sinal de atuação do P. Valdir e de progresso do bairro. Há também uma creche. Há várias igrejas e capelas. Isto explica a amizade que o P. Valdir encontra. De outro lado é verdade que muitas pessoas se afastaram dele — embora o estimassem — em vista das atitudes de revolta, de rebeldia, de oposição sistemática, de separação que tem tomado. Há no Povo também um acentuado «senso da Fé» que o faz perceber as anomalias religiosas e sociais. O Povo tem consciência im-

plicita do que é a unidade da Igreja; do que é o bispo, como sinal da unidade visível na diocese; do que é o Papa como sinal da unidade visível da Igreja universal. No Povo do Riachão reina também um grande medo dos castigos infernais que o P. Valdir anuncia e ameaça, para quem não o segue. Reina assim uma penosa atmosfera de opressão.

08. Por que o P. Valdir acusa o senhor, os bispos da CNBB, os cardeais do Vaticano de «comunistas» e «maçons»?

— Atribuo essas e muitas outras acusações à doença de que é portador. As provas que o P. Valdir afirma possuir são interpretações que, obsessivamente, dá a certos fatos ou palavras. Não são provas. Assim quando diz que eu ou os bispos da CNBB ou o Papa João XXIII pertencemos à Maçonaria. Nunca o P. Valdir apresentará provas, porque a acusação é totalmente infundada.

09. O Senhor pode dizer francamente se a diocese tem culpa nesta crise?

— Certo é que durante mais de onze anos de confiança total e liberdade total ao P. Valdir. Durante mais de onze anos ele atuou na diocese e fora da diocese como bem entendeu. Nunca deixei de tentar orientá-lo, pois o bispo é o responsável por seminários e por associações piedosas existentes no território da diocese. Tanto mais que, canonicamente, era eu o fundador do Instituto Estrela Missionária. Realmente criei, como associações piedosas, tanto o ramo masculino quanto o ramo feminino do Instituto. Certos sintomas — percebidos sobretudo pelos padres, muito mais do que por mim — me faziam aconselhá-lo de vez em quando. Mas o meu ponto de partida, em todos os casos, era sempre a confiança que depositava no P. Valdir. Hoje temos a impressão de que a oposição começou bem cedo. Em certo escrito o P. Valdir diz que eu o persegui «desde o princípio». O que não é verdade, mas corresponde ao esquema da doença. Outro aspecto: a diocese tratou do caso com a máxima caridade e compreensão. Se compararmos todas as declarações da diocese sobre o tema, verificamos sempre o esforço de evitar medidas rigorosas e de empregar toda caridade.

10. Como se coloca o clero da diocese em face do P. Valdir?

— Aos poucos ficou bem claro que não se trata de um problema entre o bispo e o P. Valdir, como interpretaram alguns comentaristas. O problema está noutro nível: o Padre Valdir, aos poucos, se revelou contrário ao clero, aos bispos da CNBB, ao Vaticano (faz exceção para o S. Padre, do qual no entanto afirma que «está preso por cardeais comunistas e/ou maçons»; que «não tem autoridade»), às diversas Igrejas cristãs. Todos são a «grande meretriz» do livro do Apocalipse. Por mais compaixão e amizade que algum padre de nossa diocese tenha por ele, ninguém o pode seguir. A situação é clara demais. Agora, posso dizer que o clero tem evitado qualquer atitude de violência, de rancor, de vingança. Trata-se de um irmão doente.

11. A atuação do P. Valdir tem implicações políticas?

— Há quem pense assim, há quem veja por detrás do comportamento do P. Valdir interesses de dificultar, já agora no próprio seio da Igreja, o trabalho pastoral da nossa diocese. Certo, a mentalidade do P. Valdir corresponde à mentalidade de grupos radicais de direita. Mas não disponho de elementos suficientes para dizer se grupos políticos o atacam ou manipulam.

12. Não haverá atrás do P. Valdir grupos interessados em desmoralizar a Igreja e o senhor?

— Possível, mas não tenho provas.

13. Não se poderá dizer que esta crise na diocese de Nova Iguaçu é apenas uma divergência entre um padre e o seu bispo?

— Aqui julgo poder dizer, que é pouco imaginar apenas uma dificuldade pessoal entre mim e o P. Valdir. A crise é muito mais do que pessoal. Tem sua causa imediata e mais profunda, me parece, na doença do P. Valdir. E lembro àqueles que vêem semelhança entre este caso e o caso de dissidentes soviéticos condenados a clínicas psiquiátricas, lembro que o internamento do Padre Valdir e o diagnóstico aconteceram sem eu saber de nada, sem o nosso clero estar envolvido no assunto. Lembro que na diocese sempre reinou e reina um bom espírito de co-responsabilidade e de participação; que nosso clero e nossos religiosos têm espírito crítico mais do que suficiente, muito adulto, para não permitirem que o bispo manipule seu clero e seus colaboradores. A doença é a única explicação coerente e clara para o comportamento do P. Valdir. Não se trata de conflito pessoal comigo. Nos seus ataques violentos o P. Valdir procura atingir toda a Igreja, excetuando apenas o Papa atual. Para o P. Valdir, com o Papa João XXIII o diabo sentou-se no mais alto cimo da Igreja e ameaça destruí-la. Somente o P. Valdir e seus seguidores incondicionais poderão salvar o desastre fatal, pensam eles.

14. O senhor mais alguns bispos e muitos padres da diocese celebrou no dia 23 de maio a «missa da unidade». Unidade em que sentido?

— Alguns jornais entenderam a nossa «celebração da unidade» como um tentativa suprema e última de oferecer reconciliação ao P. Valdir. Certamente: estamos dispostos sempre à construção da Paz, a ser ministros da reconciliação. Mas a «celebração da unidade» visava a outra coisa: queria ser a expressão da unidade da Igreja universal em torno do Papa; da Igreja particular (a diocese de Nova Iguaçu) em torno do bispo; da Igreja paroquial em torno do vigário. Foi neste sentido que convoquei todas as paróquias e todos os padres da diocese a participarem da S. Missa que ia ser celebrada na paróquia do Riachão. Mais de dez mil pessoas compareceram, portando faixas e cartazes que ressaltavam, nos mais diversos aspectos, o valor eclesial da unidade visível da nossa Igreja. Apesar da vaia ininterrupta de uma centena e tantas pessoas que seguiam o P. Valdir — não param nem sequer na hora da Consagração — tivemos todos a impressão de que a idéia da unidade e seu contraste, a idéia da separação, ficaram bem ilustradas na celebração da unidade em união física e pessoal com o bispo, em união espiritual com o S. Padre. Tenho certeza de que nossa catequese, nos mais diversos níveis, tem de dar ênfase especial ao «mistério da unidade» de nossa Igreja. Também aqui se vê a importância do «espírito profético» ou do «senso crítico» que a conscientização procura transmitir: nenhum prestígio pessoal, nenhuma realização, nenhuma obra, nenhuma ligação afetiva, nenhuma fórmula, nenhuma tradição, nenhuma novidade, nenhuma ideologia etc. etc. deverá em tempo algum sobrepor-se e concorrer ou enfraquecer ou eliminar a nossa visão clara para o mistério da Fé que é a unidade visível da Igreja, com o Papa e sob o Papa (no sentido mais amplo) e com o bispo (em nível de Igreja particular). Também deve ficar bem claro que a minha função de bispo da Igreja católica só tem sentido pleno dentro da unidade com o Papa, com o colégio episcopal, com o Povo de Deus. E na linha de Jesus Cristo

é em Pedro-Papa que se decide a unidade da Igreja. Era mais ou menos o que pretendia a «celebração da unidade» no dia 23 de maio.

15. A «celebração da unidade» melhorou ou piorou a crise?

— Quis ser e foi um testemunho. Foi testemunho para quem, de coração aberto, se dispunha a viver concretamente a Igreja. Para o grupo fanático que, segundo declarou o P. Valdir fazia a «celebração da separação», a S. Eucaristia celebrada pelo bispo com mais três bispos, com mais de quarenta padres e com mais de dez mil pessoas em representação da diocese nada significou. Ou antes significou que é impossível a conciliação.

16. A nunciatura está informada destes fatos?

— O Núncio Dom Carmine Rocco, falecido recentemente, sempre acompanhou de perto a evolução do Instituto Estrela Missionária. E com simpatia. Por isto mesmo sempre se esforçou em achar solução para as dificuldades. Dom Carmine sugeriu por ex. a transferência do Instituto para Ponta Grossa. Creio que a Nunciatura continua acompanhando a evolução do problema, embora eu mesmo não tenha referido nada ao atual Encarregado de Negócios.

17. Que atitude tomou até agora a CNBB?

— A CNBB não interfere nos problemas internos das dioceses. Mas não faltou até agora a solidariedade de Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário. Dom Ivo e outros membros da cúpula da CNBB nos têm dado apoio. Também muitos outros membros de nosso episcopado.

18. Que bispos se mostraram solidários?

— Muitos. Quero ressaltar a presença de Dom Valdir, de Volta Redonda, de Dom Mário, de Duque de Caxias, de Dom Herminio, bispo resignatário de Governador Valadares, na celebração do dia 23 de maio. O Cardeal Dom Eugênio veio-me visitar e mostrar solidariedade, dispondo-se a nos ajudar no que pudesse. Dom Carlos Alberto, bispo de Campos, que tem um peso enorme para carregar, me escreveu linhas de amizade. Também Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo. Também Dom Cândido Padim. Será difícil recordar todos de memória. A solidariedade do episcopado é um fato.

19. Num contexto mais amplo, o que sucede agora em Nova Iguaçu não está sucedendo também na diocese de Campos? em Niterói? em Volta Redonda? Sempre se trata de padre que se rebelam contra a autoridade do bispo.

— Todos os casos são diferentes. Há motivos e conotações muito diferentes de caso para caso. Mas no fundo são expressão de uma crise interna de Igreja e, enquanto esta Igreja encarnada participa do momento histórico, são expressão da crise do mundo moderno. Concedo que essas crises, que pertencem ao cotidiano de nossa Igreja, nos fazem sofrer muito, muito mais do que as perseguições externas. Mas olhadas em espírito de Fé, são crises purificadoras.

20. Por que o caso do P. Valdir é diferente?

— Não consta doença diagnosticada nos outros casos. Nem nos outros casos há uma oposição total à hierarquia. No caso do Riachão existe uma agressividade conquistadora, através do grupinho de pessoas fanatizadas, que, ao que sei, não aparece nas outras dioceses. Certo é que em todos os casos a Igreja sofre e realiza, em situações diversas, o mistério da cruz de Jesus Cristo que é loucura para uns e escândalo para outros.

21. O senhor pode provar que se trata de um doente mental?

— Basta ler os escritos do P. Valdir do mês de março para cá, os artigos que manda para os jornais (ao que sei, somente um jornal de Nova Iguaçu os tem publicado), as cartas, as declarações, as entrevistas, para ver a doença concretamente. Apesar da lucidez aparente. Mas há a declaração autêntica da autoridade responsável. Já me referi a isto, quando citei o comentário do Jornal do Brasil, de 25-05-82 intitulado: «Clínica da Gávea confirma».

CÚRIA DIOCESANA

Avisos

A Cúria Diocesana faz os seguintes avisos:

Aviso 31/82 — Retiro anual do clero: sob a direção espiritual do P. José Jungblut, da diocese de Cruz Alta, faremos nosso retiro anual de 13 a 17 de setembro, em Mendes. Como se trata de uma ocasião de oração comum e de encontro fraterno, pedimos a todos os nossos padres que compareçam ao retiro. Levem túnica e estola para a celebração eucarística, também a Bíblia Sagrada e a Oração do Tempo Presente. Nos domingos antes do retiro será bom que os fiéis sejam informados da ausência dos seus padres e rezem pelos frutos espirituais do retiro.

Aviso 32/82 — Acontecimentos do Riachão: as Santas Missões tiveram bom êxito, apesar de todas as dificuldades. Os missionários capuchinhos fizeram um excelente trabalho em favor dos fiéis e em favor também da unidade em nossa diocese. Lamentavelmente o grupo radical que cerca o P. Valdir Ros e dele recebe orientações tentou perturbar as Santas Missões e o trabalho posterior da diocese. Em todas as paróquias é conveniente que os fiéis sejam esclarecidos sobre a dolorosa situação criada pela doença do P. Valdir, com sua campanha demolidora e irresponsável contra o bispo diocesano, contra a Conferência Nacional dos Bispos, contra o episcopado do mundo inteiro, contra a Santa Igreja. É chocante o desrespeito com que trata o S. Padre João XXIII. A diocese tem agido com paciência e humildade. Mas também com firmeza, procurando os instrumentos que melhor correspondam à caridade evangélica. Todas as tentativas têm-se mostrado inúteis. Pedimos que todas as comunidades rezem para que Deus abrevie o tempo de provação e abra os olhos de nossos irmãos radicalizados e fanáticos para o mal que têm feito à Santa Igreja, a pretexto de salvá-la do Comunismo e da Maçonaria.

Aviso 33/82 — Sacramentos inválidos na paróquia do Riachão: convém lembrar e avisar ao Povo que, por falta de autorização canônica, são inválidos os seguintes atos que o P. Valdir Ros tentou: confissões (cânon 872, do Direito Canônico) e casamentos (cânones 1094 e 1095). Todos os casamentos que o P. Valdir Ros fez são inválidos. É preciso avisar também os cartórios sobre esta situação irregular, no caso de ousar celebrar casamentos religiosos com efeitos civis. Os demais atos religiosos do P. Valdir são gravemente ilícitos, pois não goza do uso de ordens na Diocese de Nova Iguaçu. Por maior que seja a caridade que devemos mostrar a este confrade doente, não podemos deixar de lamentar o escândalo que tem dado a toda a nossa diocese, à Igreja do Brasil. Rejeitamos veementemente as ofensas, calúnias, difamações que, numa seqüência ininterrupta, joga em palavras e por escrito, contra Dom Adriano, nosso bispo, contra os bispos do Brasil inteiro e do mundo. Na sua mania de perseguição vê em toda parte Comunismo e Maçonaria, suas criações fantásticas, e investe contra os fantasmas que sua doença criou. Lamentamos que umas tantas pessoas, da paróquia do Riachão, se deixaram fanatizar e manipular,

a ponto de afirmarem que com o P. Valdir irão mesmo para o inferno. Trata-se de uma caso típico de fanatismo religioso, possível aqui como em qualquer outra parte do mundo.

Aviso 34/82 Mudanças no Presbitério: por motivos diversos tem havido algumas modificações no Presbitério de nossa diocese. Foram nomeados: P. Pedro Geurts CICM, vigário de Morro Agudo e do Riachão; P. Luis Costanzo Bruno, vigário do Lote XV; P. Ari Antunes e Fr. Milton Campos OFMCap cooperadores da Catedral. Foi aceito, para trabalhar na diocese de Nova Iguaçu, o P. Flávio Weizenmann, da Diocese de Pelotas; virá nos fins de setembro. A todos os confrades desejamos a graça de Deus para os seus trabalhos pastorais.

Aviso 35/82 — Dia da Bíblia: no dia 26 de setembro, último domingo do mês, celebra-se em todo o Brasil o Dia da Bíblia. Em todas as SS. Missas e reuniões procure-se despertar no Povo de Deus o amor e a leitura dos livros sagrados, incentivar a aquisição dos livros do Novo Testamento pelo menos, explicar a importância da Bíblia Sagrada para a nossa Igreja em geral e para cristão em particular. Seria bom se em todas as paróquias se introduzissem os círculos bíblicos, para habituar o Povo à leitura e à meditação vivenciada da Palavra de Deus.

Crônica

26-06: O bispo diocesano empossa o P. Renato Stormacq CICM, como vigário provisório da paróquia do Lote XV. Dom Adriano teve ocasião de agradecer o bom trabalho pastoral feito na paróquia pelos padres jesuitas, lamentando que tivessem de deixar a nossa diocese.

27-06: Com a participação de muitos paroquianos, Dom Adriano lança a primeira pedra da futura matriz de N. Sra. da Conceição de Queimados, entregue aos cuidados pastorais do P. José Fernandes de Sá CSSp; depois celebrava S. Missa, ao ar livre, pregando sobre o sentido da «igreja» como sinal da Igreja de Jesus Cristo e animando o Povo a colaborar com seu zeloso vigário. — Palestra do bispo diocesano sobre «Vocação cristã e engajamento social» para 60 jovens das Regiões Pastorais 3 e 5, reunidos em retiro na Igreja de S. Antônio da Prata.

28-06: Reunião do Regional Leste 1, da CNBB, ao mosteiro de S. Bento, Rio, com participação do bispo diocesano.

30-06: Entrevistam Dom Adriano os repórteres Heris Peres Ferreira, de «Le Monde» (Paris), e Vítor Marques, da «Hora do Povo».

01-07: Dom Adriano visita o novo Centro de Formação da Diocese de Itaguaí, em Mangaratiba.

02-07: Com Fr. Luis G. Thomaz O.F.M., Dom Adriano viaja para a Europa, em viagem de seis semanas a serviço de nossa diocese.

03-07: Depois de prolongada doença, falece o nosso P. Aloisio Rucha, vigário de Morro Agudo. Tinha 68 anos incompletos, 40 anos de sacerdócio e 30 anos de ministério paroquial em Morro Agudo. Descanse em paz.

04-07: Dom Adriano visita a Casa Generalícia das Irmãs da Santa Cruz, de Ingenbohl onde se hospeda com Fr. Luís, e tem várias conversas com pessoas interessadas pela pastoral de Nova Iguaçu.

05-07: Viagem de Brunnen-Zuric para Innsbruck, hospedando-se na Haus der Begegnung onde se realizará o seminário pastoral para os missionários austríacos que estão de férias. — Começo do seminário.

06-07: Entrevista de Dom Adriano para Oesterreichischer Rundfunk e para a Austria-Pressagentur. Repórter Dr. Pöttcher.

07-07: Participação nos trabalhos do seminário pastoral. Encontro com o P. Zwiefelhofer SJ. Entrevista com o P. Rudolf Schermann, para um

jornal de Viena. Visita ao convento franciscano de Innsbruck e almoço com o P. Provincial e a comunidade. Dom Adriano preside a concelebração dos missionários austríacos e faz a pregação. 08-07: Entrevista para o Kirchenzeitung de Innsbruck e para a Kooperation der Kirchenzeitungen in Oesterreich. — Palestras de Dom Adriano sobre «A Pastoral no Brasil e em Nova Iguaçu: problemas e esperanças», «Esperança de Igreja e Igreja da Esperança» para os missionários austríacos (cerca de 150 participantes); depois das palestras, debates de esclarecimento. — Visita do P. Tropper, de Graz, sobre a «anistia internacional ecumênica».

09-07: Encerramento do seminário pastoral com avaliação crítica dos trabalhos. Avaliação muito positiva. Dom Adriano teve ocasião de encontrar vários amigos: Dom Alois Wagner, antigo bispo-auxiliar de Lins que hoje trabalha em Roma; P. Zwiefelhofer SJ, de Munic; P. Jakob Mitterhöfer SDV e Dr. Ernst Stürmer, das Obras Missionárias da Áustria que nos visitaram em junho passado. — Viagem de carro para Viena com o P. Mitterhöfer e o Provincial da SVD. — Em Viena Dom Adriano e Fr. Luis hospedam-se no Convento franciscano.

10-07: Visita à cidade de Viena e a Sankt Gabriel, casa de formação da Congregação do Verbo Divino. Celebração para as Irmãs de Foucauld.

11-07: Visita a Viena. S. Missa na igreja franciscana. Visita à família do Dr. Ernst Stürmer, redator da revista missionária da Áustria «Alle Welt».

* Morre em Nova Iguaçu o P. Tarcisio Bezerra França, irmão do P. Luis Bezerra França e cooperador da Paróquia de N. Sra. de Fátima e São Jorge. Tinha 59 anos de idade e 33 anos de sacerdócio. Descanse em paz.

Encerramento deste número: 31-08-82 — Endereço: Cúria Diocesana, C. Postal 77.285 — 26000 Nova Iguaçu — Av. Mal. Floriano Peixoto, 2262 Tel.(021)767-7943 — Rio de Janeiro.

CALENDÁRIO PASTORAL E SOCIAL SETEMBRO 1982

- | | | |
|----------|---------|--|
| 01 | r(09 h) | Regional Leste 1, SBento-Rio |
| 02 | r(14.3) | Conselho Presbiteral, CPast |
| 03 | o(1960) | Humberto van der Togt MSC, vig. ep. vSAg |
| 18 | (09 h) | Com. Dioc. Just. e Paz, CFL |
| | o(1969) | Carlos Sebastião Mesquitela vQ-SFr |
| 05 | (09 h) | S. Missa de Crisma, Q-Fát |
| 06 | n(1945) | Valdir de Oliveira vMesq, vig. ep. |
| 07 | | Dia da Pátria |
| 09 | r(15 h) | Secr. Dioc. de Pastoral, CPast |
| 12 | r(10 h) | JUFRA, Cat |
| | (16 h) | Vila Mariana |
| | (18 h) | Bairro São João |
| 13/17 | | Retiro anual do clero, Mendes |
| 15 | m(1969) | Dr. Friedrich Wilhelm Doepner |
| 17 | r(09 h) | Presbitério, Mendes |
| | n(1928) | M. Pascoalina Pereira NSV,H |
| 18 | r(09 h) | Com. Dioc. Just. e Paz, CFL |
| 19 | (08 h) | Posse do P. Bruno, Lote XV |
| | (10 h) | S. Missa, Parque Geneciano MCouto |
| | (17 h) | S. Missa no conjunto BNH, Prata |
| | n(1932) | Guilherme Steenhouwer SSCC, vPF1 |
| 21 | r(09 h) | Presbitério, COR |
| | o(1929) | Mons. Arthur Hartmann v0 (53 anos) |
| 23 | r(14.3) | Secr. Dioc. de Pastoral, CPast |
| 24 | m(1980) | Florêncio de Bok SSCC |
| 25 | c(9.30) | Sobre Direitos Humanos, CFL |
| 26 | | Dia da Bíblia |
| | r(14 h) | Religiosas |
| 28 | r(09 h) | Cons. Dioc., COR |
| 30/01-10 | | 3º Curso de Lid. Cristãs, NLR |